

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  




múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale
<b>Título</b>	A vocalização variável da lateral pós-vocálica em Porto Alegre: de mudança em progresso para realização categórica
<b>Autor</b>	VIVIANE TEBALDI MORAS
<b>Orientador</b>	ELISA BATTISTI

## **A vocalização variável da lateral pós-vocálica em Porto Alegre: de mudança em progresso para realização categórica**

Autora: Viviane Tebaldi Moras

Orientadora: Elisa Battisti

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, caracteriza-se por ser um centro urbano heterogêneo em termos sócio-demográficos e econômicos (Fedozzi e Soares 2015). Em relação a processos linguísticos, especialmente os fonético-fonológicos variáveis, apresenta-se como comunidade conservadora se comparada a outras capitais brasileiras (Leite e Callou 2002), mas inovadora na comparação a certas cidades gaúchas. Um exemplo é o processo da vocalização da lateral em coda silábica (*calda~cauda, hospital~hospitau*) que, na capital, se aplica em proporções elevadas (Quednau 1993) e tende a adquirir status de realização categórica, enquanto em Flores da Cunha vem progredindo rapidamente (Battisti e Moras 2016), mas seu caráter é ainda variável. O objetivo dessa pesquisa é verificar, por meio de uma análise de variação linguística em tempo real (Labov 1994), se a vocalização da lateral em Porto Alegre já se completou, passando de mudança em progresso para realização categórica.

O estudo de Quednau (1993) em Porto Alegre, realizado com 7 informantes do banco de dados do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil, UFRGS, UFSC, UFPR, PUCRS) feitas no início da década de 80, revelou 91% de aplicação da vocalização da lateral em coda silábica, com valor de *input* de .95. Já o estudo de Costa (2003), realizado com 12 informantes do mesmo banco, datando de 1990, encontrou peso relativo .97 e quase 100% de aplicação da regra. O presente estudo retoma 12 entrevistas do banco VARSUL e, com 12 entrevistas do banco de dados LínguaPoA (UFRGS) de 2016, compara o padrão de vocalização variável da lateral em coda, para verificar se a progressão do processo na comunidade se completou e as variantes não vocalizada e vocalizada deixaram, assim, de competir.

A análise estatística conta com dados levantados de 24 entrevistas de homens e mulheres, separados em 3 faixas etárias – de 20 a 39 anos, de 40 a 59 anos e de 60 anos ou mais. Os dados foram codificados e submetidos à análise de regra variável (Labov 1972) pelo programa computacional RBrul (Johnson 2016). A variável dependente é a vocalização da lateral pós-vocálica. As variáveis independentes linguísticas são Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Tonicidade da Sílabla e Posição da Lateral, e as variáveis sociais são Gênero e Faixa Etária.

A análise revelou 92% de aplicação da vocalização da lateral nos 1170 dados do VARSUL, número bem próximo ao encontrado por Quednau (1993) e Costa (2003). Mostraram-se estatisticamente relevantes as variáveis Contexto Fonológico Seguinte, Posição da Lateral e Faixa Etária, tendo papel condicionador os fatores consoantes no contexto fonológico seguinte e lateral em interior da palavra, assim como a faixa etária mais jovem. Já nos 1413 dados do LínguaPoA, houve apenas três ocorrências de não-elevação da lateral, todas de uma mesma informante. A análise no programa RBrul atesta 100% de aplicação da regra, sendo os três dados estatisticamente insignificantes. Esses resultados apontam que, em 25 anos, a vocalização da lateral pós-vocálica passou de mudança em curso, no seu último estágio, para uma realização categórica em Porto Alegre, em que a realização não vocalizada (*ca[l]da, so[l]to*), embora verificada em algumas manifestações de falantes idosos, não é mais traço do português local.